

PARA COMPREENDER OS MITOS

Alexandre Gomes Teixeira Vieira (PROCADI/UPE)
Marcos Miliano A. de Almeida (PROCADI/UPE)

Descrição

Que possibilidades o Mito pode expressar na forma de viver, pensar e agir de um povo? Que importância têm as histórias relatadas pelos portadores da oralidade? É possível socializar jovens através dos mitos? Nossos estudos percorrerão as análises históricas de certos tipos de mitos semelhantes, e utilizará as apresentações de mitos universais influentes na vida do homem moderno, num percurso entre as origens nas diversas partes do mundo que guardam as origens até a ocorrência no local.

Objetivos

Geral

Subsidiar o público de um conhecimento mais aprofundado sobre o conceito de mito e suas ocorrências como influência na contemporaneidade.

Específicos

- Listar os mitos formativos presentes na cultura do homem no Nordeste.
- Compreender a função social dos contadores de histórias/estórias nas comunidades.
- Destacar a importância do mito na compreensão das práticas culturais.

Metodologia

Exposição dialogada com participantes do minicurso, utilização de projetores, para audiovisual, e textos da bibliografia básica.

Avaliação

Cada participante escolherá uma ocorrência mitológica, analisará e relatará as possibilidades que a mesma apresenta para introdução socialização.

Público

Estudante das Licenciaturas e Público em Geral interessado na temática.

Bibliografia

- Cascudo, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro J - Z J - Z**. Brasília: Inst. Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1972.
- CAMPBELL, Joseph, Carlos Felipe Moises, and Betty Sue Flowers. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2006
- DICTA, and Françoise. **Mythes et tarots: le voyage du bateleur**. Paris: Mercure de France, 1991.
- JUNG, C. G., John Freeman, and Maria Lucia Pinho. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- PATAI, Raphael. **O Mito e o homem moderno**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- VERGER, Pierre Fatumbi, CARYBÉ, and MARIA Apericida da Nobrega. **Lendas Africanas dos Orixás**. Barra-Salvador/BA: Corrupio, 2001.
- VICENTINI DE AZEVEDO, Ana. **Mito e psicanálise**. Jorge Zahar Editor, 2010.

A LITERATURA DE VIAGEM COMO DOCUMENTO HISTÓRICO: UMA LEITURA DO BRASIL DOS VIAJANTES

Aline Jeronimo Barros (PROCADI/UPE)

Descrição

A literatura de viagem é um gênero narrativo geralmente escrito em forma de diário ou relato de memória. Trata-se de um registro baseado em uma relação de alteridade onde um estrangeiro descreve sua vivência e suas impressões do lugar por onde passou. Desde o século XVI, quando iniciou-se o processo de conquista e colonização do Novo Mundo, o território que hoje é chamado de Brasil foi visitado por uma grande quantidade de viajantes, principalmente vindos do Velho Mundo. O fluxo desses viajantes aumentou e se diversificou à partir do ano de 1808, devido à vinda da Família Real para a Colônia e à abertura dos portos às nações amigas de Portugal. Esses viajantes escreveram sobre a fauna, a flora, os nativos, a economia, a população negra, o escravismo, as mulheres, as relações sociais, o cotidiano, os usos e costumes. Assim, através de apropriados métodos de análise é possível extrair desses relatos uma realidade histórica.

Justificativa

Os relatos de viagem são uma fonte de especial valia para a historiografia da formação do Brasil. O resgate dessa literatura aborda aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais que auxiliam no entendimento da história do Brasil e do povo brasileiro. Portanto, a literatura de viagem pode ser um bom caminho a ser percorrido por aquele pesquisador que tem interesse sobre o cotidiano do Brasil Colônia e Império.

Objetivos

Geral

Apresentar a literatura de viagem enquanto gênero narrativo e como fonte para a escrita da história, com um estudo direcionado aos relatos de viagem produzidos durante o Brasil Colônia e Império.

Específicos

- Ampliar as questões de análise da literatura de viagem enquanto fonte historiográfica e antropológica.
- Apresentar a literatura de viagem como fonte de pesquisa para entender o meio social do Brasil Colônia e Império.
- Entender as questões de etnicidade, identidade e cultura que acompanham a vivência e a escrita dos viajantes.

Metodologia

Exposição dialogada com participantes do minicurso, utilização de projetores para slides, uso de trechos dos diários de viagem para discussão e de textos da bibliografia apresentada.

Avaliação

A avaliação, que será realizada no último dia do minicurso, terá como principal objetivo a análise de um trecho de um diário de viagem, escolhido pelo participante. Nesse exercício o participante deverá encontrar no trecho selecionado aspectos sociais relevantes para uma pesquisa historiográfica e antropológica, destacando como seria possível realizar essa análise.

Bibliografia

- BARROS, Aline Jeronimo. **O olhar estrangeiro sobre as mulheres no Brasil Império**: um estudo sobre a literatura de viagem do século XIX. Monografia, Universidade de Pernambuco, 2016.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1999.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Viajantes do século XIX**: Uma reflexão sobre as estéticas do pitoresco e do sublime na construção de representações para o Brasil. In: II Encontro de História da Arte, 2006. IFCH / UNICAMP.
- BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX**: Cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CONGRESSO

EntrE_____Mares
a literatura, leitura do mundo



- FRANÇA, J. M. C; CRIBELLI, T.; PARADA, M.. **As Descobertas do Brasil**: O olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **O mundo natural e o erotismo das gentes no Brasil Colônia**: a perspectiva do estrangeiro. Topoi (Rio de Janeiro), v. 11, p. 15-26, 2010.
- MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta. A experiência brasileira**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1999.
- SANTOS, Beatriz Carvalho dos. **História da África e Literatura**: os relatos de viajante e sua utilização como fonte histórica. In: III Seminário Nacional de História da Historiografia aprender com a História?, 2009, Mariana. Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia, 2009.
- VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário de Brasil Império (1822-1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MATRIZ DE REFERÊNCIA DO SAEPE A PARTIR DE TEXTOS LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II: CONVERGÊNCIAS E APLICAÇÕES

Herlan José Tenório Ferreira (PROFLETRAS/UPE).

Objetivo

discutir a matriz de referência que norteia a elaboração de avaliações em larga escala, construídas pelo Sistema de Avaliação da Educação de Pernambuco (SAEPE), nas turmas de 2º, 5º e 9º ano do ensino fundamental. Apresentar possibilidades de aplicação desta matriz em atividades cotidianas de forma diagnóstica, bem como indicar estratégias para a consolidação destas habilidades, também conhecidas como descritores.

Justificativa

A avaliação externa se constitui em uma ferramenta que possibilita a criação de índices, os quais podem ser comparados e interpretados revelando a situação daquela escola, daquele município e/ou estado referente a uma determinada etapa, da educação básica, que foi avaliada, bem como o desenvolvimento de projetos e políticas públicas para a educação. Desde o final da década de 1990 que há registros que versam acerca da elaboração de diferentes avaliações – a nível federal e estadual – a fim de que se pudesse verificar como se encontrava o nível dos estudantes que estavam saindo do Ensino Médio (ENEM). Em 2008, o governo do estado de Pernambuco começou a avaliar o último ano do ciclo I e II, que seriam a 3ª e 5ª série (à época), respectivamente, 8ª série do ensino fundamental e 3ª série do Ensino Médio, a fim de conhecer o nível de proficiência dos estudantes ao concluir cada uma destas etapas. Atualmente, percebe-se que há uma preocupação dos municípios e escolas em demonstrar que seus estudantes crescem nos índices a cada ano, promovendo aulões, simulados, com a visão apenas nos números, nas notas, mas não promovem momentos para discutir a aplicação da matriz de referência na rotina das aulas, fazendo existir um mito de que trabalhar a matriz seja, apenas, usar questões fechadas de provas anteriores, assim, esquecem que a nota é apenas consequência do trabalho desenvolvido durante anos e na urgência da promoção de ações desarticuladas acabam promovendo um treinamento, condicionamento e não a consolidação das habilidades. Assim, com a discussão sobre a matriz, bem como a apresentação de sugestões de como levá-la à rotina das aulas, este minicurso dirige-se àqueles que estão em sala como regente ou estagiário, a fim de que possam enxergar a matriz de referência como um suporte no planejamento de atividades e não como um medidor do sucesso ou fracasso da escola. Utilizaremos textos literários, tanto em prosa quanto em verso, para que se possam observar algumas sugestões de exploração destes, com vistas a refletir sobre o uso da literatura na sala de aula da forma como deve ser e não a utilizar como pretexto para análise linguística, o que na verdade, quando se solicita para “retirar os substantivos do texto” não há nenhum processo de análise, mas sim, um mero processo de “copiar e colar”.

UM OLHAR SOBRE OS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS: LEI 11.645/2008 E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ATUAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

Ivone Maria dos Santos Gomes (PROCADI/UPE)
Patrícia Maria Tenório de Souza (PROCADI/UPE)
Tatiane Lima de Almeida (PROCADI/UPE)

Discrição

Porque a Escola precisa ensinar sobre a diversidade étnica-cultural no Brasil? Porque nossa sociedade é tão etnocêntrica? Quem são os indígenas e onde vivem? Qual a importância da Lei 11.645/2008 para o ensino nas escolas de nosso país? Quais recursos didáticos-pedagógicos são relevantes no processo de ensino-aprendizagem da temática indígena? Nesse sentido, nossos estudos percorrerão, análises antropológicas sobre a questão da diversidade cultural em nosso país, e sobre o indígena na contemporaneidade, utilizará as leis que regulamentam o ensino da cultura indígena nas escolas do nosso país, e será sugerido propostas de atividade que contribuam para a efetivação da temática em sala de aula no ensino fundamental.

Objetivos

Geral

Contribuir com a importância do reconhecimento da diversidade étnica-cultural brasileira, e a compreensão das diversas etnias que existem em nossa região, transformando a sala de aula um *locus* de transformação das ideias de etnocentrismo enraizada em nossa sociedade.

Específicos

- Identificar a existência na contemporaneidade de diversos grupos étnicos que vivem em nosso território brasileiro, ocupantes dos espaços rurais e urbanos.
- Analisar a importância dos avanços na educação brasileira na criação de leis e documentos pedagógicos, valorizando a diversidade étnica-cultural.
- Reconhecer alguns recursos didáticos que podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula sobre a temática indígena.

Metodologia

Exposição oral e diálogo com os participantes do minicurso, apresentação audiovisual, slides, vídeos e textos da bibliografia apresentada.

Avaliação

A avaliação ocorrerá no último dia do minicurso e será dividida em duas etapas: A primeira será voltada para os participantes avaliarem o conteúdo, dinâmica, recursos didáticos e pedagógicos e os docentes. Na segunda parte será pedido uma redação sobre a experiência vivenciada no minicurso, especialmente abordando expectativas, influências, contribuições adquiridas e o que mais considerarem relevante para o momento.

Bibliografia

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetro Curriculares Nacionais: História**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL, Secretária de Educação. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: História**. Pernambuco. 2013.

BITTENCOURT, C.M.F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MEDEIROS, Juliana Schineider. Povos indígenas e a Lei nº. 11.645: (in)visibilidades no ensino da história do Brasil. In: BERGAMASHI, Maria Aparecida; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla; XAVIER; Maria Luísa Merino de Freitas, (orgs) **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: editora Mediação, 2012.

SILVA, Edson. **Povos indígenas: História, Culturas e o ensino a partir da Lei 11.645**. Historien – Revista História [7]. Petrolina. 2012.

SILVA, Giovani José da. Ensino de História Indígena. In: WITTMANN, Luisa Tombini (orga.). **Ensino (d) História Indígena**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva; SANTOS, Hosana Celi Oliveira. Antropologia Indígena – Territorialização. In: ANDRADE, Juliana Alves de; SILVA, Tarcísio Augusto Alves da; (orgs). **O ensino da**

CONGRESSO

EntrE_____Mares
a literatura, leitura do Mundo



temática Indígena: Subsídios didáticos para o estudo das sociodiversidade indígenas. Recife, Edições Rascunhos, 2016.

SOUZA, José Otávio Catafesto. Reconhecimento oficial da autonomia e da sabedoria dos agentes originários e reorientação do projeto (inter) nacional brasileiro. In: BERGAMASHI, Maria Aparecida; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla; XAVIER; Maria Luísa Merino de Freitas, (orgs) **Povos Indígenas & Educação.** Porto Alegre: editora Mediação, 2012.

WITTMANN, Luisa Tombini (orga.). **Ensino (d)e História Indígena.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LITERATURA GUINEENSE: UMA INTRODUÇÃO

José Aldo Ribeiro da Silva (IF Sertão – PE)

Resumo: Os estudos sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa têm, nas últimas décadas, despertado a atenção de um número cada vez mais expressivo de estudiosos, tanto a nível nacional quanto internacional. As produções literárias de Angola, Moçambique e Cabo Verde se sobressaem, neste sentido, por desfrutarem de maior visibilidade no cenário acadêmico brasileiro, concentrando em seu entorno a maior parte das pesquisas voltadas para manifestações literárias oriundas dos espaços africanos da lusofonia. A Guiné-Bissau aparece, neste contexto, como um dos países cuja arte literária conta com fortuna crítica incipiente, haja vista o pequeno número de publicações, sobretudo no meio impresso, voltadas para o estudo de autores guineenses. Diante disso, este minicurso se propõe a refletir sobre o percurso trilhado pela arte literária do mencionado país, dando ênfase a questões de ordem estética, histórica e cultural que se apresentaram como decisivas para a sua formação. Com isso, visa contribuir para a ampliação de pesquisas e perspectivas relacionadas à literatura guineense.

Objetivo Geral: Refletir sobre o percurso trilhado pela arte literária bissau-guineense, dando ênfase a questões de ordem estética, histórica e cultural que se apresentaram como decisivas para a sua formação.

Conteúdos:

1. Marcas do colonial na escrita literária
2. Poesia de combate
3. Poesia intimista
4. Prosa de ficção

Referências

- APPIAH, Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- AUGEL, Moema. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: Editora Escolar/ Instituto Nacional de estudos e Pesquisa República da Guiné-Bissau, 1998.
- BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. 3 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BISPO, Erica Cristina. *Eternos descompassos... Faces do trágico em Abdulai Sila*. 195 p., Tese (Doutorado em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- _____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DUARTE, Zuleide. Ndani a Tamar africana, considerações em torno da "Última tragédia" de Abdulai Sila. *Conexão Letras*, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 8, p. 85-91, 2012.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1968.
- _____. *Peles negras, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- _____. *Poética da relação*. Trad. Manuela Mendonça. Porto: Sextante Editora, 2011.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: Reconversões*. Col. Ensaio n. 40. Luanda: Editorial Nzila, 2007.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- PÉLISSIER, René. *História da Guiné*. Portugueses e Africanos na Senegâmbia (1841-1936). Lisboa: Estampa, 1989.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CONGRESSO

EntrE_____Mares
a literatura, leitura do mundo



_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEMEDO, Odete da Costa. *Guiné-Bissau*. História, culturas, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILA, Abdulai. *A Última Tragédia*. Bissau: Ku Si Mon, 1995.

_____. *Eterna Paixão*. Bissau: Ku Si Mon, 1994.

_____. *Mistida*. Bissau: Ku Si Mon, 1997.

WALTER, Roland. *Áfro-América*. Diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.

A RELIGIOSIDADE COMO IDENTIDADE DOS ÍNDIOS JIRIPANKÓ E XUKURU-KARIRI DO ESTADO DE ALAGOAS

Lucas Emanuel Soares Gueiros (PROCRADI/UPE)
Maria Aparecida Oliveira dos Santos (PROCRADI/UPE)

Objetivo(s):

Discutir a religiosidade como elemento de resistência e identidade dos povos indígenas Jiripankó e Xukuru-Kariri do estado de Alagoas.

Ementa (conteúdo abordado)

O diálogo cultural durante o período colonial, a partir das intensas imposições, influências e contatos interétnicos entre índios e europeus, fez com que os grupos indígenas do Nordeste perdessem línguas e traços físicos, ocasionando uma reelaboração de sua identidade. Para manter a sua cultura, os índios silenciaram suas manifestações religiosas como forma de resistência de sua tradição. Por isso, na contemporaneidade, os índios dessa região, inclusive os Xukuru-Kariri e os Jiripankó não se encaixam no modelo da pré-colonização; sendo semelhantes, em muitos dos comportamentos, aos sujeitos da sociedade envolvente, não havendo uma fácil distinção de uma identidade étnica e cultural. Assim, o Toré e os rituais tradicionais são elementos indispensáveis para o reconhecimento da etnicidade e fortalecimento identitário dessas sociedades. Tal discussão está embasada nos pressupostos teóricos de Arruti (1996), Almeida (2010), Barth (2000), Candau (2012), Grunewald (2005), Halbwachs (2003), Hall (2006), Laraia (2001), Mota (2005), Oliveira Filho (1998), Pollak (1992) e Silva Junior (2007).

JUSTIFICATIVA: A historiografia tradicional invisibilizou o protagonismo dos indígenas na construção da sociedade brasileira, negando sua existência no tempo presente. Pesquisas acadêmicas, devido a concepção de que os povos indígenas da região Nordeste foram assimilados pela sociedade envolvente, trouxeram por muito tempo uma conotação negativa para a identidade dessas populações; passando a existir produções que negaram as suas memórias e identidades. Ver os índios dessa região como perdedores de sua cultura, grupos aculturados e como meros remanescentes ou restos de índios é não perceber a resignificação identitária e cultural dessas populações. Dessa maneira, o minicurso visa realizar uma discussão despreendendo-se da visão tradicional, desconstruindo a imagem estereotipada e preconceitos existentes sobre as identidades dessas etnias na contemporaneidade.

EQUIPAMENTOS E MATERIAIS NECESSÁRIOS: Projetor e caixa de som.

Local

Sala de aula.

Bibliografia

- ARRUTI, José. **O Reencantamento do mundo:** trama histórica e arranjos territoriais Pankararu. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- BARTH, Fredrik: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade.** Tradução Maria Letícia Ferreira. 1. Ed; 1. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo. **Toré:** regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Fundaj, editora Massangana, 2005.
- Halbwachs, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Palo: Centauro, 2003).
- HALL, Stuart: **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Tradução Tomaz Tdeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 14. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- MOTA, Clarice Novaes da. **Performance e Significações do Toré:** O caso dos Xocó e Kariri-Xocó. Regime encantado do índio do nordeste. Organizador: Rodrigo de Azevedo Grunewald. Recife: Fundaj, editora Massangana, 2005.
- OLIVEIRA FILHO, Jão Pacheco de. **Uma etnologia dos "índios misturados"?** Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. IN: Mana, vol. 4, nº 1, p. 47-77, Abr. 1998.

CONGRESSO

Entre **E** Mares
a literatura, leitura do **M**undo



POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. IN: Estudos Históricos. Volume 5, n. 10. Rio de Janeiro: 1992.

SILVA JUNIOR, Aldemir Barros da. ALDEANDO SENTIDOS: os Xukuru-Kariri e o serviço de Proteção aos Índios no Agreste Alagoano. Salvador, 2007.

REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM MULHER NA HISTÓRIA: UMA CRÍTICA À CONSTRUÇÃO DO MACHISMO

Rosa Maria Farias Tenório (UPE)

Proposta

Trata-se de um minicurso que pretende estimular reflexões críticas sobre as ideias construídas pela formação histórica e sociocultural em relação à imagem, imaginário feminino e feminismo negro. O curso buscará refletir criticamente, favorecer a compreender de comportamentos e vislumbrar outros e novos caminhos que rompem com os paradigmas da sociedade patriarcal, sexista e racista. Nesse sentido, faz análise sobre a construção da história das mulheres, trabalhando os estereótipos institucionalizados historicamente, fazendo um recorte específico sobre a estética negra, formas de resistências e empoderamento feminino. Essa proposta tem como aporte teórico de estudiosas como Michelle Perrot, Margareth Rago, Tânia Swian, Ângela Davis, Suely Carneiro, Nilma Lino Gomes, Lélia González.

Justificativa

A pós-modernidade ainda é palco das várias formas de violência contra as mulheres. Sabemos que a violência contra as mulheres é um drama complexo e frequente no Brasil. Assim, o presente minicurso objetiva provocar reflexões sobre como as desigualdades sociais foram construídas historicamente e estão presentes em nosso cotidiano, promovendo visibilidade para os sujeitos periféricos: as mulheres, fazendo recorte específico sobre as subjetividades das mulheres negras, podendo contribuir para a sensibilização e erradicação de uma sociedade racista, sexista e discriminatória. Os pilares do machismo só podem ser desmontados a partir da (re) educação e desconstrução de questões que geram diferenças, preconceitos e distorções sociais, em que a ação feminista apresenta luta e conquistas dos direitos dos sujeitos marginais.

Conteúdo programático

- Formação histórica e sociocultural do imaginário feminino;
- Feminismo e feminismo negro;
- Estereótipos, estética e padronização das mulheres negras

Metodologia de ensino e recursos

Exposição dialogada e vídeo-debate.

Bibliografia

- Carneiro, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero, São Paulo, 2016.
- Davis, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. Ed. São Paulo - Boitempo, 2016.
- Gomes, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra, Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2007.
- Gonzalez, Lélia. **Entrevista ao Jornal do MNU**, Salvador, 1991.
- MxLaren, Margaret A. **Foucault, feminismo e Subjetividade**. São Paulo, Intermeios, 2016.
- MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**. 1. Ed. São Paulo – Boitempo, 2014.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2ª Edição. – São Paulo – Contexto, 2013.
- RAGO, Margareth (org) e Funari, Pedro Paulo A. (org.). **Subjetividades Antigas e Modernas**. São Paulo, Annablume, 2008.
- TIBURI, Márcia (org) **As Mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo, RS. Editora Unisinos, 2002.